

Nem só de renda vive a classe média

● Ao comentar a expansão da classe média, sociólogos e economistas alertam que nível de estudo e ocupação são decisivos para definir a pirâmide social. **Página 26**

Educação e trabalho, símbolos da classe média

Para especialistas, nível educacional e prestígio do emprego
podem indicar se avanço do segmento social é sustentável

Cássia Almeida

• A notícia de que a classe média é maioria no Brasil (51,89%), dada anteontem pelo economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), levantou a pergunta se o crescimento da renda realmente trouxe mobilidade para a sociedade brasileira. Sociólogos e economistas acreditam que é preciso avaliar outros indicadores além da renda para saber se houve ascensão social no país, mostrada pela pesquisa de Neri e por pesquisas de potencial de consumo de outros institutos.

O nível educacional desses novos remediados e que tipo de trabalho gera essa renda adicional são necessários para ver se o meio da pirâmide mais gordo vai se manter nos próximos anos, ou se vai ser abalado por alguma mudança negativa no cenário econômico.

— Em 2005, um terço dos jovens entre 18 e 25 anos não tinha o ensino fundamental completo — chama a atenção a economista e estudiosa de pobreza e desigualdade do Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets) Sonia Rocha.

**Alta da renda é recente,
diz pesquisadora**

Ela lembra que a renda começou a subir só a partir de 2004. Portanto, segundo ela, ainda é muito cedo para saber



A ECONOMISTA Sônia Rocha diz que desejos de consumo estão mais homogêneos nas diferentes faixas de renda

se essa situação se manterá nos próximos anos. A complexidade do conceito de classe média também dificulta a análise.

— Esses conceitos são pouco amarrados até na literatura. Na tradição sociológica, não conta apenas renda e consumo, há comportamento.

Neuma Aguiar, professora titular de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), cita a qualidade do trabalho para poder medir a ascensão social:

— Numa análise sociolôgi-

ca, é importante considerar a educação e ter uma medida do prestígio das ocupações.

Ela se pergunta, diante do fato de que a faixa do meio da pirâmide da renda cresceu, se a fonte dos ganhos é estável.

— Qual a origem da renda? — questiona.

O nível educacional é outro indício a ser investigado, a partir da melhoria salarial que o aumento de anos de estudo traz para o trabalhador brasileiro. Para ela, são “impressionantes no Brasil os efeitos

da educação na renda”.

— Atingindo melhoria em níveis educacionais, a ascensão é mais estável.

Incertezas sobre a queda futura da desigualdade

A socióloga lembra que nos estudos de mobilidade social a comparação entre a situação dos pais e dos filhos é necessária para saber se houve ascensão social de fato.

Para Sônia Rocha, o fato de ter crescido a renda na base da pirâmide trouxe desejo de con-



Relembre a pesquisa

• Levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGV), do economista Marcelo Neri, divulgado na terça-feira, mostrou que houve um avanço da classe média no país. Em abril de 2002, o segmento representava 44,19% da população. Em abril de 2008, o percentual

saltou para 51,89%, o que equivale ao ingresso de 4,4 milhões de pessoas.

Pela metodologia usada, compõem a classe média os que têm renda domiciliar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591 por mês. O estudo tem por base os dados da Pesquisa Mensal do Emprego, do IBGE.



Na tradição sociológica, não conta apenas renda e consumo, há comportamento

Sônia Rocha, economista do Iets

sumo para essa população semelhante ao da classe média.

— Se tem mais dinheiro, compra-se iogurte. Um fenômeno que vimos muito no Plano Cruzado e no Real. O apelo da publicidade trouxe novos padrões de consumo.

Mas o ganho de renda somente pode tornar o sonho da classe média mais fugaz. Ela lembra que quem se endividou acreditando num ganho de salário contínuo pode ter problemas. Sônia cita a inflação maior e a expansão econômica

menor em 2009.

— É um aumento que não se sustenta. Não está respaldado em algum patrimônio.

A economista teme ainda que a falta de qualificação da mão-de-obra, que já se tornou ponto de estrangulamento da economia brasileira, freie ou até pare o processo de queda da desigualdade no Brasil.

— Como há falta de pessoal qualificado, esses profissionais tendem a ser mais valorizados. Portanto, pode aumentar a desigualdade. ■

Não é só renda que define a pirâmide social

Ao comentar estudo, sociólogo do IUPERJ diz que identificar ocupação é importante para perceber mobilidade

ENTREVISTA

Adalberto Cardoso

• O crescimento da fatia da população com renda domiciliar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591, que corresponde à classe média no estudo divulgado anteontem pelo chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Neri, demonstra apenas que a renda do brasileiro cresceu nos últimos seis anos, na opinião do sociólogo do IUPERJ Adalberto Cardoso. Para ir além e qualificar esse aumento, seria necessário avaliar em quais ocupações profissionais está essa população recém-inserida no meio da pirâmide de renda.

O GLOBO: Pesquisa da FGV mostrou o crescimento da classe média, com base na renda familiar. Só isso basta?

ADALBERTO CARDOSO: A pesquisa não foi feita com a renda *per capita* (rendimento dividido pelo número de pessoas da família) nem estabeleceu diferenças regionais. Fixar o ganho da classe média

entre R\$ 1 mil e R\$ 4 mil é arbitrário. Por que não de R\$ 1.100 a R\$ 5 mil? Estabelecer que as famílias com renda de R\$ 1 mil são da classe média é temerário. A região também importa: uma coisa é ganhar R\$ 4 mil em São Paulo, outra é ganhar a mesma coisa no Nordeste.

• Como se poderia avaliar melhor essa ascensão social?

CARDOSO: O ideal seria avaliar em quais ocupações essa população está empregada. Um operário pode ganhar R\$ 1 mil e estar incluído nessa faixa pela renda. Mas, na estrutura social, ele é um operário. Tradicionalmente, a classe média está no setor de serviços e no comércio. E não no operariado fabril. Olhando dessa forma, acaba-se misturando alhos com bugalhos.

• Mas a renda não é um indicativo importante?

CARDOSO: Sem dúvida, a pes-

quisa mostrou que houve ganho de renda com a melhoria do mercado de trabalho e os aumentos do salário mínimo. É um entendimento de pesquisa de mercado, que deseja avaliar o potencial de consumo, dividindo em classes. Mas é preciso mais informações para ter compreensão da estrutura so-

saber quais ocupações estão crescendo. Mesmo dentro da indústria, se há crescimento nas atividades administrativas e gerenciais. No âmbito da administração pública também. Se as vagas abertas são de nível médio, em conjunto com o ganho de renda.

• O crescimento da classe média, medida pela renda, é sustentável, vai se manter nos próximos anos?

CARDOSO: Se a inflação alcançar 15% num ano, quem ganha R\$ 1 mil vai perder muito. E, de um ano para o outro, aquela família pode deixar de ser classe média.

• E se a inflação permanecer comportada, e o Brasil seguir crescendo?

CARDOSO: Se a melhoria no mercado foi continuada, será preciso corrigir todas as faixas de renda. Para ter uma consistência sociológica, é preciso mais informações. (Cássia Almeida)



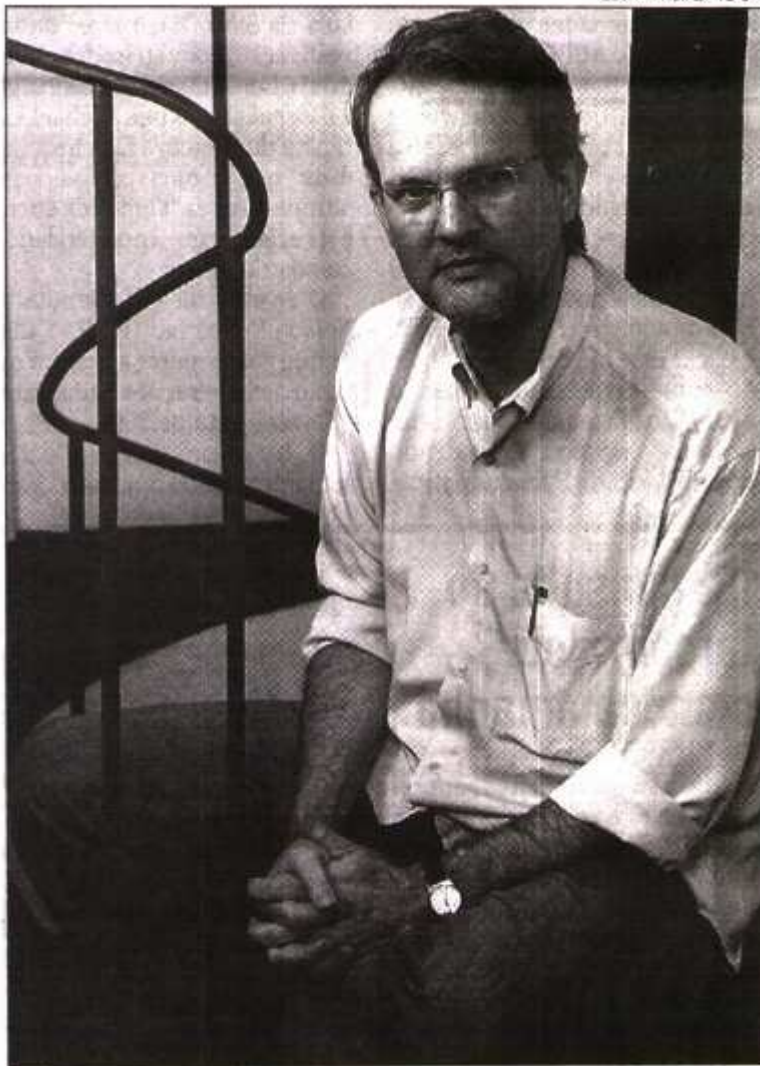
Um operário pode ganhar R\$ 1 mil e estar nessa faixa (classe média) pela renda. Mas, na estrutura social, é um operário

Adalberto Cardoso, sociólogo do IUPERJ

cial. Os dados de renda mostram a queda da pobreza e da desigualdade. Isso, sim, é possível medir somente com a renda. As ocupações são uma forma de perceber melhor a estrutura social.

• De que maneira seria possível perceber essa mobilidade nos últimos anos?

CARDOSO: Uma maneira seria



PARA CARDOSO, as diferenças regionais devem ser levadas em conta